

## **ESTREPOLIA**

José Antônio de Ávila Sacramento

Há alguns cheiros, nomes, pessoas, músicas ou palavras que nos possibilitam lembrar de coisas do passado, dos acontecimentos bons ou até mesmo daqueles menos bons. Kátia Murici, na introdução da obra “Alegorias da Dialética: imagem e pensamento em Walter Benjamin” (Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998), explicou que “a nossa relação com o passado só será verdadeira se mexer conosco, se nós estivermos nos dando conta de que aquele passado nos concerne, tem algo de nós. Todo passado está carregado de possibilidades de futuro que se perderam e que teriam (ou têm?) para nós uma significação decisiva”. Assim, não é de se espantar que muitas das vezes, ainda que inusitadamente ou simploriamente, a vida nos ofereça a possibilidade de buscar lá na nossa infância alguns relembramentos íntimos e muito interessantes.

Um desses relembramentos seu deu no dia 13 de setembro de 2010, quando de uma consulta hospitalar em que eu, admirado, ouvi de um jovem médico a recomendação de que não era para a minha esposa “fazer muitas estripulias”, pois o problema colunar dela poderia ser agravado. Pronto: estava proferida uma palavra que deixei de ouvir por muitos anos, desde a minha infância aprofundada lá pelas bandas do arraial bandeirante da “boca-do-mato”.

O Dicionário Houaiss registra “estrepolia” e “estripulia” como sendo um regionalismo brasileiro de uso informal; a palavra é definida como “ato de traquinas; traquinada, travessura, gaiatice; grande balbúrdia; confusão, desordem.”. Estripulia é palavra que vem do grego (eutrapolia) e quer dizer jocosidade, brincadeira inofensiva (“eu”=bem, bom; “trepo”=dar voltas), daí “eutrápelos.”, ou seja, aquilo que gira facilmente, ágil; versátil; que sabe retornar-se, arisco; leve de espírito, donde pronto nas respostas ou na reação, de humor grácil, que pilheria agradavelmente. O Houaiss registra também “eutrapolia” como “modo de gracejar sem ofender, zombaria inocente”. A datação de “estrepolia” é de 1836, em Paris, quando a palavra foi registrada por Francisco Solano Constâncio no “Novo Diccionario Critico e Etymologico da Lingua Portugueza”.

Nos sertões cajuruenses, assim como em outros grotões deste estado e país, fazer “istripulia” era (e continua sendo) cometer uma danação, uma diabrura; era ato considerado um “pecado (quase) mortal” no entendimento daqueles adultos mais circunspectos que deitavam falação nos ouvidos dos garotos travessos, palavrório que os meninos não compreendiam bem a razão de existir; para as crianças, as “istripulias” não passavam de atos de produção

e de participação em inocentes brincadeiras, mesmo que elas, depois, com a cooperação da física, da química, da biologia (ou de alguma coisa mais transcendente) se transformassem nas mais avolumadas maluquices.

À época da infância, parecia que era dispensado aos acriançados pensar seriamente em alguma coisa; o indispensável era fazer a maior quantidade de floreios com as “istripulias”, era ter a capacidade para construir idéias e imaginar estar voando junto delas. Para as crianças, então, as coisas não requeriam lógicas ou razões; assim, as “istripulias” quase sempre não eram bem compreendidas, principalmente pelos mais velhos que julgavam as suas mentes sempre cheias de muitas lógicas e abarrotadas de razões. Lá no meio da roça, principalmente para quebrar o tédio da vida de um menino solitário, a imaginação tinha de operar prodígios. Eram consideradas coisas estripulentas: o “cangar de sapos” (esforço inútil, como enxugar gelo, pois os sapos não têm pescoços para receber as cangas), as escaladas de altas araucárias ou de escorregadias mangueiras (cujos galhos tinham prazer em nos jogar no chão), o ato de misturar as vacas com os seus bezerros (eles mamavam todo o leite delas antes da ordenha delas), o “cavalgar” em um boi, o atear fogo em tochas de palhas presas nas caudas de cavalos e vê-los em desesperados galopes (que poderiam causar incêndios nas macegas dos pastos), o livrar dos porcos da prisão dos chiqueiros (ainda que eles parecessem mais alegres quando livres das pocilgas), ou até mesmo a engenhosa arte de se construir moinhos, represas ou transposições no curso do rego d’água que abastecia a bica (“obras” que sujavam a água reservada para a serventia doméstica). Não era nada de muito grave, como podem perceber...

Dizem as pessoas menos sentimentalistas que jamais devemos viver só das lembranças do passado. Mas há momentos em que, até sem querer, o passado se mistura ao tempo presente, chega a nos sorrir e nos atrair com suas boas lembranças. Assim, especialmente, uma dentre as muitas palavras que foram proferidas pelo dr. Guilherme de Souza Baptista soou como música para os meus ouvidos e me possibilitou a regressão ao tempo de menino criado na roça; aquele era um tempo em que os adultos não gostavam das estripulias que viessem a perturbar a rotina de seus afazeres ou interromper o sossego modorrento das fazendas; quando alguém ousava quebrar a monotonia reinante, ralhavam muito, e, de dedo em riste, sempre anunciavam ameaças de castigos, tais como puxões de orelhas, beliscões, esfregadelas, ou até mesmo severas tundas com as temidas varas de marmelo, das quais se dizia que vergavam mas não quebravam, e também que, em matéria de “doer fino”, as tais varas não ficavam a dever nada para qualquer objeto de açoite. Quando acontecia de um menino se machucar nas “istripulias”, quase sempre primeiro vinha um belo sermão, o anúncio de um castigo, uma sova ou a ameaça dela; só depois é que vinha o doloroso tratamento dos ferimentos, comumente à base de Aneseptil (um “pó-pra-curá-taio” à base de sulfa) ou de

Merthiolate, medicamento cuja administração parecia vir aliada a certo sadismo de quem o aplicava, pois ele sempre ardia muito mais que os próprios esfolados da pele.

E eu, menino criado na roça e autor de algumas boas traquinagens, até ouvir a frase do médico, estava quase acreditando que alguns vocábulos menos formais estavam extintos ou à beira da extinção e já mereceriam uma campanha nos mesmos moldes daquela “salvem as baleias!”; cheguei a pensar na urgente criação de um “cemitério para as palavras”. Mas acabei sendo surpreendido dentro de um moderno hospital, através de um médico ainda muito moço, com a lépida recomendação de que a sua paciente, se quisesse se recuperar prontamente do mal que a afligia, não deveria fazer muitas “estripulias”. Desta forma, ao perceber que algumas pessoas ainda têm bom ânimo e coragem para lembrar e ressuscitar termos arcaicos, também percebo alegremente que o uso de algumas palavras podem até ter caído, mas não foram de todo eliminadas do léxico da nossa língua corrente. Elas ainda estão por aí, nos espreitam, e, de repente, como aconteceu, florescem e cumprem o seu papel com muita clareza e seus efeitos têm o mágico poder de nos transportar ao passado e até mesmo de nos fazer sentir muitas saudades dele.